

DISTINÇÃO

«O livro mais difícil de escrever»

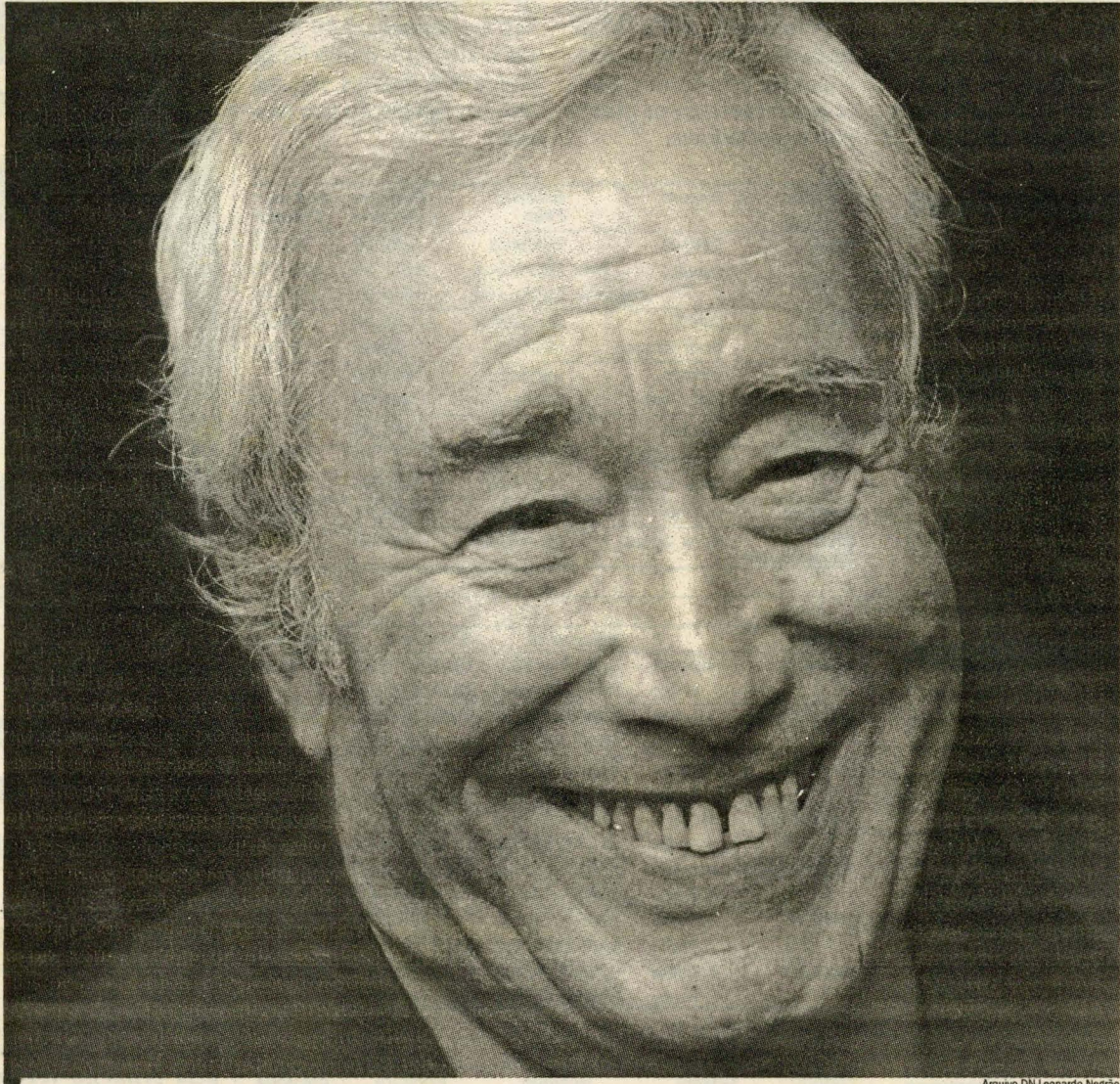
José Cardoso Pires foi ontem galardoado com o Prémio Pessoa pela sua carreira e pelas duas obras publicadas este ano

MARIA AUGUSTA SILVA
 MIGUEL GASPAR

Depois da memória perdida e reencontrada em toda a sua plenitude, foi «o nascer de um homem novo», com redobrado gosto pela vida. Esse homem, José Cardoso Pires, «agradavelmente surpreendido», ao saber-se, ontem, distinguido com o Prémio Pessoa.

«Ensaio sobre a “libertação da morte branca”» foi a expressão através da qual o júri se referiu a *De Profundis, Valsa Lenta*, no comunicado lido por Francisco Pinto Balsemão no Palácio de Seteais, onde, como é habitual, decorreu a reunião decisiva dos 13 jurados. O escritor sucede ao neurocirurgião João Lobo Antunes, com quem construiu, aliás, uma grande amizade, sendo nomeadamente autor do prefácio de *De Profundis, Valsa Lenta*. A eleição de Cardoso Pires, justificada pela publicação daquela obra e por *Lisboa - Livro de Bordo, Vozes, Olhares, Memorações*, era dada como muito provável nos momentos que precederam a divulgação da escolha dos jurados. O autor, porém, não a esperava.

«É uma surpresa tanto maior quanto se trata de um prémio que não se destina apenas à literatura, abrangendo as mais diferentes áreas», acentuou ao DN. «Um prémio gratificante», que fica a sublinhar toda a sua carreira literária, mas, sobretudo, o livro *De Profundis, Valsa Lenta*, uma narrativa de quem viveu a experiência da morte da memória e conheceu a felicidade de a sentir renascer, «num reencontro onde tudo ganhou mais luz, mais gosto, mais sabor, mais cheiro, um perfume bom; um bem-estar com o mundo», realçou ao nosso jornal. «Sem memória não há afectividade. Não se pode ter afecto por alguém que se não conhece ou se deixou de conhecer. Sem memória não há vida», não se cansa de o dizer Cardoso Pires, para



O PRÓXIMO. Cardoso Pires está a trabalhar em novo livro, a sair em Outubro de 1998, com Lisboa em pano de fundo

quem *De Profundis, Valsa Lenta*, «foi o livro mais difícil» de toda a sua vida de escritor.

Volta, neste momento de mais uma alegria, a expressar gratidão profunda à ciência. Um desejo de que «os médicos, os cientistas, nos ajudem cada vez mais a salvar da morte humilhante». Gratidão, também, de Cardoso Pires a toda a equipa do professor Castro Caldas, que o acompanhou desde a perda até à recuperação da memória, e à amizade do professor João Lobo Antunes.

Cardoso Pires está a trabalhar em novo livro, o qual – adiantou ao DN – deverá ser publicado em Outubro do próximo ano, com a paisagem de Lisboa a dominar, como sempre. A mesma Lisboa da segunda obra publicada este ano pelo escritor que Pinto Balsemão homenageou como «património da nossa literatura» e «um clássico contemporâneo», a «Lisboa personalizada e mítica, como foi a de Pessoa, cruzada por memórias, histórias e personagens». Pinto Balsemão frisou tratar-

se de uma decisão por maioria, acrescentando que Cardoso Pires foi escolhido entre 40 candidatos. Atribuído pelo *Expresso* e pela Unysis, o Prémio Pessoa tem um valor pecuniário de oito mil contos. O júri foi constituído por Francisco Pinto Balsemão, Pedro Norton de Matos, Alexandre Pomar, António Alçada Baptista, António Barreto, Carlos Coelho, Clara Ferreira Alves, João Fraústo da Silva, José Luís Porfirio, Maria de Sousa, Mário Soares, Miguel Veiga e Nuno Teotónio Pereira.

REACÇÕES

ÓSCAR LOPES: «Cardoso Pires é um dos ficcionistas que melhor conseguem combinar enredos, contar e fazer alternar pontos de vista. Faz isso de uma maneira muito empolgante, especialmente em *Balada da Praia dos Cães*. Não se repete, um bocadinho lento, de produção difícil, mas o sacrifício resulta muito bem, especialmente desde 1968.»

AUGUSTO ABELAIRA: «Cardoso Pires é o autor contemporâneo vivo do mais belo dos romances, *O Delfim*. Gosto muito do autor, e o homem merece-me muita simpatia.»

U. TAVARES RODRIGUES: «Um dos maiores escritores da actualidade. Um prémio justo para um grande autor português, um dos maiores a nível universal. Cidadão de grande dignidade. Um homem de esquerda.»

FONSECA E COSTA: «Foi feita justiça, finalmente. Sempre que se faz justiça em Portugal eu aplaudo, e José Cardoso Pires já merecia há muitos anos este prémio. É um dos maiores escritores da literatura portuguesa.»

CARLOS REIS: «O romance *O Delfim* é um dos maiores da língua portuguesa. Teve uma importância decisiva para o prestígio da nossa literatura. Cardoso Pires pertence à geração de romancistas que rompeu com códigos muito fechados do neo-realismo português, e isso sem perder de vista uma preocupação ética e social muito própria. É um dos nossos autores que contribuíram decisivamente para mudar o ritmo da nossa ficção nos últimos 30 anos.»

A vida humana celebrada com «um fio de música»

Nos livros do escritor distinguido encontra-se uma consciência lúdica, não uma exploração de qualquer interioridade abismal

ANA MARQUES GASTÃO

Foi a sua geração que deu «uma sintaxe cidadina» à prosa portuguesa. E a prosa de Cardoso Pires cheira a cidade. Portugal e os portugueses estão lá, na sua escrita, que convive com as vertentes ficcional e histórica, numa narrativa fundada no diálogo ou no monólogo interior, como em *O Anjo Acorado* ou em *O Delfim*.

José Augusto Neves Cardoso Pires nasceu em São João do Peso, Vila de Rei, Castelo Branco, em 1925, fez de tudo um pouco: trabalhou como correspondente de inglês, agente de vendas, intérprete, jornalista (foi director adjunto do *Diário de Lisboa*, depois do 25 de Abril), escritor.

A escrita, essa, pratica-a «no gume da lâmina», dirigindo-a a um leitor ideal, afinal, o desdobramento daquilo que ele gosta-

ria de ser. Cuidadoso no uso da palavra, a braços com a minúcia de não se deter com a frase longa, Cardoso Pires gosta de se mover no mundo de uma certa zoologia social, como em *Alexandra Alpha*,

e não será por acaso que na sua obra, assaltada pelo marialva da alta burguesia fundiária (*O Delfim*), o burguês passivo (*O Anjo Acorado*) ou o rural (*O Hóspede de Job*), desfilam comporta-

mentos, mentalidades e valores.

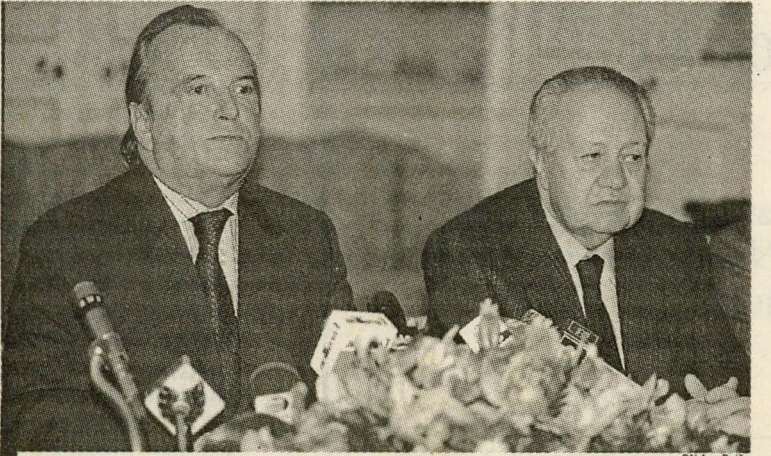
Enquanto em *Dinossauro Excelentíssimo*, o escritor faz uma biografia caricatural de Salazar, fábula satírica, em *Balada da Praia dos Cães* (adaptada ao cinema por Fonseca e Costa) inspira-se no assassinio do capitão Almeida Santos. A consagração no domínio do ensaio chegou, no entanto, com *Cartilha do Marialva*, que convoca para a escrita, com ironia, o macho português e o libertino, que ressurge ao longo da obra.

Cardoso Pires reinventa a língua também na crónica a contar histórias de uma Lisboa que já não existe, mais provinciana, patética, feita de melancolias. Porque o autor de *A Cavalhada no Diabo* gosta dos malandros que habitam a cidade da humanidade perdida. *Lisboa - Livro de Bordo* revela-se esse tal roteiro no qual o escritor confessa o seu amor pela capital,

esboçando-se aí a sua relação com uma portugalidade subtil.

Os livros, esses, «são como as relações com as mulheres», nos quais se vai encontrando uma certa consciência lúdica. Cardoso Pires mobiliza os estratagemas da recontação oral e do diálogo à maneira de Hemingway, pelo menos nos primeiros escritos, permitindo-se deslizar entre diversos níveis e tipos de linguagem, mas não é um explorador de qualquer interioridade abismal.

De Profundis - Valsa Lenta, livro no qual o autor regressa da morte branca, ou seja, de uma experiência de proximidade com o fim, não configura o tratamento metafísico do tema. Do apagamento-limite não nasce uma narrativa comovida, apenas se adivinha uma «festa antecipada» da vida celebrada com «uma vinheta condigna» e «um fio de música».



JÚRI. Balsemão e Soares em Seteais: «É património da nossa literatura»